



O ENVELHECIMENTO E AS NOVAS POSSIBILIDADES DE SER SUJEITO NA PÓS-MODERNIDADE

Arthur V. R. Ribeiro - Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

Jailma Souto - Professora Dra, do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

Maria Gouveia - Professora Dra, do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

Contatos: arthur.vinicius@aluno.uepb.edu.br; jailma.psy@servidor.uepb.edu.br;
ligiagouveia@servidor.uepb.edu.br

RESUMO DO TRABALHO

A contemporânea dinâmica capitalista e globalizada que orienta novos arranjos sociais, econômicos e culturais, abre novos paradigmas para ler a conjuntura social e a condição da pessoa idosa. Utilizando como fundamentação da questão social contamos com o filósofo Byung-chul Han e o sociólogo Bauman e, em referência ao sujeito e a sua subjetividade, Ângela Mucida apoiada nas leituras de Freud e Lacan, nos oferecendo substrato para se refletir sobre novas formas de laço social e processos de subjetivação, no movimento entre sujeito e a sua inserção na sociedade. Com base nessas proposições temos por objetivo, nesta revisão bibliográfica, repensar o lugar do envelhecimento na pós-modernidade. A relação com os novos meios de subjetivação, em conexão com o estabelecimento histórico do avanço do neoliberalismo e sua repercussão nas representações sociais, nos convida a refletir e nos indagar para onde essas novas demandas sociais apontam, da perspectiva do lugar social que ocupa esse sujeito. Por fim, busca-se com a crítica ao nosso momento sócio-cultural, marcado pelo ideal de produtividade industrial, assim como também rearticular a posição da pessoa idosa em tal contexto. Não a tratando como mero ser passivo, mas dando voz e lugar de fala, para que possamos conjuntamente inventar novas formas de representar e perceber o envelhecimento. Destaca-se também o papel referente a clínica e a teoria psicanalítica quando voltada ao determinado assunto, na qual busca considerar a singularidade do sujeito, respeitando os novos modos de subjetivação e de ser, o lugar de sujeito e seu desejo, independentemente de sua idade cronológica.

Palavras-chave: Envelhecimento, Pós-modernidade, Psicanálise, Sujeito, Sociedade.



INTRODUÇÃO

O contexto social contemporâneo, ou pós-moderno, como normalmente é denominado na perspectiva sociológica de Bauman, conforme citado por Reis (2016), passou por diversas mudanças, tão profundas quanto as que ocorreram no nascimento da sociedade moderna. Marcada pelo capitalismo globalizado, voltada essencialmente para o consumo e o lucro, há certos efeitos decorrentes dessa vivência, de forma a “liquidificar” as relações interpessoais:

"somos bombardeados continuamente por informações superficiais e, sem que percebamos, acabamos aceitando o efêmero, o fragmentário, e o caráter imediato dos eventos... perde-se profundidade e a possibilidade de manter valores e crenças. Até mesmo nosso sentido de continuidade e nossa memória histórica são atingidos." (REIS, 2016. p. 3)

De outro lado, mais corroborando com essa posição crítica, segundo o filósofo Byung-Chul Han (2015, p. 14) a sociedade do século XXI não é a mesma daquela das primeiras fases antes da globalização, marcadas por uma relação mais estável do sujeito com o diferente e com a disciplina. De uma sociedade disciplinar, caracterizada por um sujeito da obediência, foi se passando para uma sociedade do desempenho, que pode ser expressada pela afirmação “*Yes, we can*”.

Desta forma como é apontado por Mucida (2004, p. 71) em seu segundo capítulo, intitulado de “A velhice no mal-estar da cultura”, também podemos observar que a globalização advém através da associação do capitalismo moderno com a ciência “prescrevendo um modelo econômico e um modo de vida único: o modelo americano, *o american way of life*”.

Como característica desse modelo ela cita, entre outros, o neoliberalismo econômico, governado pelas leis do livre mercado, resultando na “livre” circulação de homens, mercadorias, capitais e idéias, um imperativo do “novo” e do consumo, a informatização generalizada e, por último, a tendência de se eliminar o sujeito em sua particularidade.

Sendo assim, como efeito e consequência desse modelo ela nos pontua o predomínio de uma sociedade de massa com acento na produção e no poder, mostra também vários das contradições presentes e vindas do próprio capitalismo: "o aumento



de competição, das taxas de desemprego e do subdesenvolvimento dos países pobres, violência, declínio dos ideais, da tradução... do consumo exacerbado de objetos"; ela também aponta a desvalorização do Nome do Pai e o desmentido da lei, pressupostos que ganham sentido dentro da perspectiva psicanalítica.

Aprofundando na leitura da psicanálise sobre a contemporaneidade podemos observar a tese de Forbes (2012), que traz o homem do século XXI, como desbussolado. Segundo o autor, a relação com a lei simbólica é modificada pelo avanço desse processo de globalização. Apoiar-se nas ideias de Toffler e Lipovetsky para falar da importância das mudanças sociais, econômicas, culturais, morais e éticas até chegar na atualidade.

Tendo em vista o impacto dessas mudanças na subjetividade humana o autor traz Lacan, em sua releitura da obra de Freud, que destaca a presentificação da metáfora paterna no discurso da mãe, o Nome do Pai, caracterizando o estabelecimento da lei significante e da interdição do incesto. A passagem pelo Édipo marca a entrada do sujeito na ordem simbólica, ou seja na linguagem, na cultura (QUINET, 2006, p. 15). É importante destacar que dentro da perspectiva estrutural proposta por Lacan, mãe e pai não são literalmente os parentes "reais", mas sim funções que possibilitam a passagem do *infans*¹ à ser um sujeito da linguagem.

O Nome do Pai, qual tem o papel de interdito, e funciona como um significante capaz de dar coesão e sustentar a ambiguidade própria aos significantes, apresenta ao *infans*, que está em uma relação simbiótica e fusional com a mãe, a impossibilidade de se manter alienado nesse tempo. A psicanálise entende o significante além da concepção saussuriana, subvertendo-a, onde o sentido do significante é representar o sujeito para outro significante. Conforme Mucida (2004), não tem um significado já dado ou que lhe é próprio, mas toma seu valor em oposição a outros significantes na cadeia. Ele não remete a um significado recalcado, mas sempre a um outro significante que é diferente dele mesmo.

A interdição, e o apontamento do desejo dessa mãe para o pai, algo que separe essa mãe do bebê, e indique que ela deseje além dele, mas também que algo falta a ela. Com a separação, a disjunção dessa relação alienante, faz com que ele se identifique ao pai para tentar novamente estar na antiga posição. Conforme o Nome do Pai é recebido e significantizado pelo sujeito, pode-se dizer que é nesse mesmo movimento que se dá o

¹ O termo é usado por Lacan para designar o organismo humano, o homem antes de ser incidido e estruturado pela linguagem.



complexo de castração, na qual a mesma percebe (inconscientemente) a incapacidade e impotência do seu desejo direcionado a mãe, lê-se aquilo que supostamente o completava. É nesse sentido que a castração, o desejo da mãe para além do bebê, aponta para uma falta, essa que, para Lacan, é estrutural e constitutiva do sujeito. A falta implicada na possibilidade do sujeito conceber o desejo, que não é previamente programada ou estabelecida. Nesse sentido, o Nome do Pai seria aquilo que poderia significantizar o significante fálico, capaz de representar a castração, a falta estrutural do sujeito, sendo isso o que permite a ele desejar.

Segundo Forbes:

“A lógica do inconsciente, quando Lacan a desenvolve, é uma lógica fundada na falta, que afirma que o desejo permanece, não cessa com respostas prontas e exige decisão constante”. (FORBES, 2012. p. 36)

O que nos faz pensar na impossibilidade do sujeito se satisfazer com os objetos e com o discurso neoliberal (como apresentado acima) que busca padronizar os sujeitos, excluindo a diferença e, de certa forma, o desejo.

Tal narração assume um caráter mítico na teoria psicanalítica, fundamentada por Lacan, o que difere de outras posições assumidas, por exemplo na psicologia na qual se tentava assimilar a passagem da libido pelas zonas erógenas, apresentadas por Freud em 1905 nos “Três ensaios sobre a sexualidade”, com determinados períodos do desenvolvimento infantil, sua maturação orgânica. Embora tais fatores não sejam de forma alguma desconsiderados, é, além desses fatores, no discurso, na fala sob transferência que a psicanálise se coloca como constitutiva de um saber, de um discurso, que busca afirmar a singularidade e o desejo de cada sujeito, assim como suas implicações no real.

Dessa maneira a modificação do lugar das referências de autoridade e da lei que, para Lacan, implica diretamente na constituição do sujeito, impõe uma nova forma de vivenciar e experienciar o sofrimento, os nossos sintomas, a identidade assim como o



prazer e o gozo². Como diz Forbes “é consenso que esse pai patriarca, senhor todo-poderoso, não existe mais” (Forbes, 2012, p. 43).

Desta forma, com os novos arranjos sociais e disciplinares se percebe novas possibilidades de subjetivação e inserção social, formas de se lidar com a vida, com o sofrimento e com os pares. Logo, tais modificações, nos fazem pensar qual lugar o envelhecimento ocupa nesse processo de produção de novas subjetividades, marcado pela passagem de uma sociedade disciplinar, para uma do desempenho e do excesso. Oliveira (2015, p.2) nos diz, resgatando a visão de sociedade líquida de Bauman: “Na sociedade do imediatismo e da perda de interesse pelo “longo prazo”, os idosos andam na corda bamba enquanto decidem se preferem se submeter ou se preservar...”.

Reis (2016) citando Messy (1998) nos indaga sobre o que é envelhecer:

“O que significa envelhecer? Para a sociedade do descarte, na qual vivemos, o envelhecimento associa-se à ideia de perda... É um efeito de uma sucessão de perdas e aquisições...”. (MESSY, 1998 *apud* REIS, 2016. p. 2)

Ambos posicionamentos acima nos fazem questionar o lugar da pessoa idosa e as exigências cada vez mais devastadoras, como aponta Chul-Han (2012), em uma sociedade que leva ao limite a exigência da produtividade, passando a internalizar esses imperativos em si mesmo.

Mucida (2004), para pensar acerca do significado, e também da dimensão significante, da palavra "velhice", ou “envelhecimento”, se apoia nas formalizações, de Lacan, dos Registros R.S.I. (real, simbólico e imaginário), além de fazer um denso estudo e pesquisa bibliográfica, indo das teses da medicina moderna sobre o que é considerado o envelhecer ao estudo feito por Beauvoir.

Dessa forma, a vertente simbólica é possível pensar o envelhecimento junto com os discursos, mas também como efeito de discurso. Dentro da lógica de pensar o significante e apoiada na pesquisa etnográfica desempenhada por Beauvoir, ela aponta: “Se a velhice é ainda determinada em cada época e em cada cultura de forma diferenciada, acentuamos, os significantes que tentam nomeá-la incidirão sobre os sujeitos, provocando efeitos.” (p. 28)

² Gozo, é um conceito definido por Lacan que embora haja um alto grau de formalização, há uma certa dificuldade em defini-lo ou delimitá-lo justamente por ser um conceito associado ao objeto a e ao real na psicanálise. Sofreu diversas modificações ao longo de seu ensino. Como observação, nós pontuamos a importância em não confundir com prazer. Jacques Alain-Miller escreveu um artigo intitulado: “Os seis paradigmas do gozo”; para mais detalhes consultar, disponível em: http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf

Do ponto de vista do imaginário, se entrelaçam corpo e imagem, a autopercepção, suas identificações.. Da questão do real, como apontado pela autora, é impossível se tratar sem o acesso pela via simbólica, entretanto o real é justamente aquilo que foge a cadeia significante, e vai além, do sentido, da possibilidade de pôr em palavras. Nesse ponto, é onde se toca o inexorável, inefável, do envelhecimento e do que ele acarreta, da vida e da morte, é justamente o ponto em que escapa aos discursos, e que porém diz respeito a uma vivência singular do sujeito. Embora não consiga compreender o real, pois é justamente o que está além do sentido e do que pode ser colocado em palavras, marca o sujeito.

Nessa perspectiva, ao falar do inconsciente e do desejo, a autora destrincha sua tese de que o sujeito não envelhece, devido ao inconsciente ser atemporal, a sexualidade ser sempre infantil. Nesse sentido, o desejo, o sintoma, e a verdade do sujeito, por ser a marca de um encontro primordial com um Outro constituído em um tempo³ esquecido, sendo esse tempo não cronológico, mas lógico. A autora também pontua que, concomitante a isso, não é possível desconsiderar "aquilo que envelhece e se modifica no decurso do tempo, marcado por novas inscrições e transcrições de traços", o real. Sendo de tal forma, a "velhice", "envelhecimento" um dos próprios nomes do real.

Nesse caso, o trabalho a ser feito a partir da psicanálise seria a elaboração de uma resposta a todas essas marcas sejam elas reais, no corpo, sociais, ou identitárias, que perpassa justamente o lugar de uma análise, que possibilita o sujeito no deslizar da cadeia significante, trabalhando os inúmeros lutos, perdas, quais vivencia no decorrer da experiência, como forma se preparar para a vivência de novos desejos, "novas inscrições simbólicas" . De tal forma que possa sair da posição que normalmente é colocado pela própria sociedade, como um sujeito sem lugar, dado às exigências de uma sociedade globalizada, marcada pelo neoliberalismo, ou algo próximo a uma morte em vida, que se é buscado segregar, visto a dificuldade em aceitar aquilo que envelhece, desvanece, em nós mesmos.

METODOLOGIA

³ Para mais detalhes sobre o tempo na psicanálise recomendamos o capítulo 1 da mesma autora, nas sessões: "Tempo e temporalidade: Heidegger", "Tempo e temporalidade em Freud: O sujeito não envelhece" e "Uma nota sobre o sujeito e o tempo em Lacan".



O presente artigo é uma revisão bibliográfica que tem como objetivo dissertar sobre pontos de vista de campos de estudo distintos, mas que dialogam e corroboram entre si. O texto se centraliza sobre a perspectiva social de Byung Chul-Han (2015), assim como as noções de globalização, e a leitura lacaniana de sujeito da psicanálise, qual é enunciada por Forbes (2012) e Mucida (2004) a fim de pensar sobre o sujeito, sua inserção na sociedade contemporânea e sua relação com o envelhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O lugar do envelhecimento na sociedade contemporânea é um *locus* paradoxal. Do ponto de vista em que se é exigido cada vez mais um ideal de produtividade impossível ao sujeito, e que como nos conceitua Chul-Han (2012), esse ideal nos tem levado a uma sociedade do cansaço.

Em contraposição como nos coloca Oscar Cirino na apresentação do livro de Ângela Mucida (2004) (O sujeito não envelhece): “o isolamento a que são submetidos ou se submetem muitos idosos prescreve uma morte em vida e é por aí que muitos se rendem à verdadeira morte”. (p. 12)

A autora, na sua obra, aborda inúmeros relatos de casos para exemplificar a clínica com idosos para demonstrar as repercussões e o que circunda no discurso que advém dos próprios idosos. Além dos problemas inerentes a passagem do tempo pelo corpo, as perdas e o luto a ser trabalhado ao longo da vida, é evidenciado também a questão do abandono, da discriminação e da segregação, que se materializa nas formas de asilo, que resultam na verdade exilando o sujeito da vida em sociedade, daquilo que os fazia se sentir úteis (principalmente quando envolve a profissão ou ofício).

Além dos relatos, também é trazido trechos da escrita de autores como Mario Quintana, Drummond, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, etc., para pensar e refletir através da escrita, da palavra, os efeitos do significante e do real no envelhecer, cartas do próprio Freud são analisadas, assim como sua relação com o envelhecimento. É problematizado e abordado de maneira crítica o posicionamento que a psicanálise teve para com o envelhecer e o lugar que pode assumir atualmente e acrescentar no debate contemporâneo.

Nesse sentido, psicanálise vem do lugar de subverter e contrariar essa lógica dominante que busca homogeneizar a produtividade desmedida e desvinculada do



desejo singular de cada sujeito. Tal como a solução contemplativa proposta por Chul-Han (2012), a psicanálise aposta em uma saída também pela arte, Freud a nomeia de sublimação. com Lacan analisando a obra e biografia de Joyce, conceitua o *Sinthome*, ao pensar sobre o movimento que o próprio sujeito faz em torno do seu sofrimento e de si mesmo, para lidar com o inexorável e inefável da sua existência. (LIMA, 2013)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar que a questão do envelhecimento vem ganhando mais ênfase e pauta na atualidade, haja vista a mudança social e demográfica, na qual nós vivemos, que possibilitam a maior parte da população chegar a uma idade avançada (Chaimowicz *apud* TRAJANO; PEREIRA; ARAUJO; GAMA, 2019), pelo estabelecimento do Estatuto do idoso de 2003, ou pela fixação na nossa atual cultural na juventude.

Tal movimento faz ressaltar a importância de aprofundar os estudos e os esforços de pesquisa nessa área, não apenas para desmistificar e aprofundar conceitos e saberes, mas para proporcionar maneiras autênticas de se acolher e vivenciar essa etapa da vida.

Não cabe aqui uma discussão mais aprofundada, como a apresentada por Dunker (2016) e Mucida (2004), sobre a contemporaneidade, à partir da perspectiva lacaniana de discursos, e o advento do discurso capitalista acarretando inúmeras consequências no que toca à forma de fazer laços sociais. Essas reflexões nos fazem indagar sobre a produção de subjetividade e cultura presentes no nosso tempo, e como isso se encaixa com a visão vendida, inconsciente e inconsequentemente, pela indústria como envelhecimento, suas formas de ser ou vivenciar. Toda essa fabricação ressalta a forma como se vive, como se vê (ou seja reflete nas formas de se constituir a identidade), as relações sociais.

Conforme o apresentado, no tempo atual pouco espaço, ou nenhum, se sobra para falar sobre o envelhecimento e suas consequências no real da experiência humana, ou seja nas formas singulares e individuais do sujeito vivenciar o desvanecimento, do corpo, dos laços, das identificações, marcando uma relação autêntica com o tempo, em qualquer concepção que for tomado.

A psicanálise se coloca como uma saída que busca não apenas padronizar o sujeito na lógica socioeconômica dominante, mas através do deslizamento da cadeia



significante, o atravessamento da fantasia fundamental e um saber-fazer com o *sinthome*, com o gozo, aponta para uma saída em que considera a singularidade do ser e do envelhecer, onde o sujeito não é mais visto como um objeto, muitas vezes como dejetos, mas como sujeito, um agente de sua história. De forma a subverter uma morte em vida, infelizmente tão comum nos relatos. (MUCIDA, 2004)

REFERÊNCIAS

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Psicanálise e contemporaneidade: novas formas de vida?. **Stylus (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 119-137, nov. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2016000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 ago. 2022.

FORBES, Jorge. **Inconsciente e Responsabilidade**. [Tese de doutorado]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

CHUL-HAN, Byung. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

LIMA, Christiano Mendes de. Corpo e sinthoma: tratamento do gozo em Freud e Lacan. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 180-198, abr. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282013000100012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 jun. 2022.

MUCIDA, A. O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, D. A terceira idade e os relacionamentos líquidos nas redes sociais. **Revista Eletrônica da Pós-graduação da Cáspes Líbero**, São Paulo, v. 7, n. 1, p.01-15, jan. 2015. Disponível em: <<http://casperlifero.edu.br/terceira-idade-e-os-relacionamentosliquidos-nas-redes-sociais/>>. Acesso em: 23 de Jun. 2022.



REIS, Maria Augusta. Envelhecimento e Pós-Modernidade: a importância do cuidado. **Revista Longeiver**, n. 49, 2016. Disponível em:<https://revistalongeiver.com.br/index.php/revistaportal/article/download/624/679>

TRAJANO, Raisia; PEREIRA, Vinícius; ARAUJO, Criscia; GAMA, Juliana. **O sujeito não envelhece: relatos de experiência com grupos terapêuticos de idosos estudantes da UMA (Universidade Aberta à Maturidade)**, 2019. Disponível em:https://editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2019/TRABALHO_EV125_MD1_SA3_ID1523_27052019104319.pdf